

Vicente e Dora - Entre a mata e o mar

Estou tentando compreender a enorme dificuldade em escrever sobre meu pai e minha mãe. Já fiz isso outras vezes, muito mais falando sobre minha mãe do que sobre meu pai. É difícil encontrar o distanciamento necessário, que me permita enxergá-los, além de pais, como pessoas que tiveram um encontro raro em suas vidas, e que geraram, além de dois filhos (eu e meu irmão Luis Vicente), uma produção cultural excepcional.

O que me cabe, não é evidentemente falar sobre a obra do meu pai ou de minha mãe, pois neste evento há pessoas preparadas para isso. Minha contribuição se insere numa dimensão que poderia chamar de pessoal, uma vez que envolve a abordagem de aspectos humanos de cada um deles, semelhantes em alguns pontos, e bem diferentes em outros, nos quais acredito que foram complementares. Minha visão, entretanto, é limitada por uma barreira intransponível. Meu pai esteve presente em minha vida apenas até eu completar 10 anos. A ligação que tive com ele foi intensa, porém há que se considerar que é o ponto de vista de uma criança, atenta aos sinais e aos sentimentos subjacentes aos fatos e movimentos cotidianos. Já com relação à minha mãe, essa convivência se estendeu por muitos anos, em alguns momentos mais próxima e em outros, mais distante.

Deixei de lado a lógica e a coerência para criar um encadeamento para as lembranças que surgiam. Foi necessário um autêntico processo arqueológico para buscar, aos 62 anos, fragmentos de imagens vividas entre os 7 e os 10, período em que a maior parte das recordações emergiram. De certa forma, me sinto uma transgressora ao trazer a público elementos de caráter privado da vida de nossa família; mas por outro lado talvez seja necessário humanizar um pouco os homenageados, e neste sentido acredito que meu testemunho preencha uma função relevante.

Quando Enivalda pediu um título para o meu depoimento sobre meus pais, a primeira idéia que me ocorreu foi “Entre a mata e o mar”. Minha mãe, Dora é com certeza a mata, o Itatiaia, as cachoeiras, o céu noturno, a lua; e Vicente, meu pai, o mar e a praia sem fim, o sol, a manhã e suas transparências douradas.

Meu pai era um ser da manhã. Acordava muito cedo. Eu me equilibrava em silêncio no braço de sua poltrona enquanto ele escrevia páginas e páginas num papel colorido e finíssimo, com uma letra ascendente quase incompreensível. Só minha mãe conseguia decifrar sua escrita. Ele consumia uma quantidade impressionante de canetas Bic, que permaneciam vazias por muito tempo em sua escrivaninha. Em seguida íamos passear de Romizeta, às vezes no Supermercado, às vezes na casa de algum amigo, ou em parques. Adorava sua companhia. Ele também gostava de sair comigo. Era um pai diferente, alegre, original, comprava comidas inusitadas – de sabor duvidoso - e isso me divertia e encantava. Os pais de minhas amigas eram todos muito parecidos: distantes, sérios, repressores, autoritários, faziam dinheiro de sua vida. Já meu pai escrevia, dava aulas, reunia pessoas em torno dele, e as noites em casa tinham muitas vozes e risos. Ouvia tudo escondida nos degraus da escada.

Ele bebia o sol. Ficava de calção no terraço da Rua José Clemente pensando e tomando sol. Era uma espécie de ritual. Comprou uma casa em Mongaguá, e lá passei boa parte das minhas férias de infância. Era uma casa pequena, simples, dessas que as crianças desenham. Passeava com ele naquela praia infinita. Ele sorria e era feliz ao entrar no mar! Parecia um re-encontro com sua essência.

Minha mãe só surgia depois do meio dia. Quando íamos para Itatiaia, o ônibus da Viação Resendense saía da Rodoviária às 14 horas. Isso fazia com que a chegada fosse sempre de noite, em taxis pretos e antigos, que subiam a montanha cruzando com bichos misteriosos, de olhos brilhantes e assustados, provavelmente iguais aos meus. Dora fazia da vida uma grande aventura. Quantas vezes nos perdemos nas trilhas das cachoeiras de Itatiaia e passamos a noite entocadas em grutas, ouvindo os

sons dos animais noturnos, aguardando pacientemente o sol nascer. Quantas tempestades de raios, aranhas caranguejeiras gigantes dentro de casa, e cobras subindo a escada!! Minha mãe era de fato corajosa. Nada disso a intimidava.

Seu cenário era a noite, quando escrevia, ouvia música, conversava, lia poemas, dava aulas, enfim, vivia. É bem provável que o fato de não ter conhecido o pai - que morreu quando tinha apenas 1 ano - tenha despertado nela uma paixão pelo mundo noturno, o ambiente das sombras e dos sonhos. Numa entrevista ela disse: “Quando menina, minha mãe abria de manhã a janela do quarto e eu pedia que a deixasse fechada. Quero sonhar mais um pouco”. Minha primeira lembrança, quando deveria ter mais ou menos uns dois anos de idade, era eu no colo de minha mãe, de noite, ela me apontando o céu estrelado dizendo “tilin”, “tilin”! Eu ficava impressionada com o tamanho da escuridão.

O encontro entre Vicente e Dora foi obra de Milton Vargas, amigo dos dois, que os apresentou num baile dizendo: “apresento um gênio para outro gênio”. Mas o encanto de minha mãe por meu pai foi – segundo suas próprias palavras – muito mais motivado pelo dourado de sua pele, o sol que ele já carregava dentro de si aos 17 anos de idade. Foi uma paixão imediata, com brincadeiras intelectuais, charme e muitas risadas. Numa época repleta de convencionalismos, eles romperam padrões e viveram um amor intenso, casando-se bem cedo, ela aos 19 e ele aos 21 anos.

Ficaram casados por 23 anos. Foi uma vida voltada para a cultura, uma verdadeira parceria. Até sua morte, em 1963, minha mãe era uma espécie de secretária do meu pai, datilografava seus trabalhos, e fazia pesquisas em bibliotecas para auxiliá-lo. Como ele não era muito organizado, também arrumava seus papéis separando-os em pastas coloridas. A poesia de Dora sempre esteve presente, mas ela demorou bastante para publicá-la. Por muitos anos sua vida girou em torno do meu pai, de sua obra, além de estudos e leituras feitos pelos dois. Não é verdade que ela se anulasse ou que se escondesse por traz da figura do marido, na realidade eles sempre trabalharam juntos. Nas reuniões da casa da Rua José Clemente,

frequentemente quem abria os trabalhos era ela, escolhendo poemas ou músicas, usadas como aquecimento para as aulas ou para as discussões que seguiam noite adentro. Essa estratégia atenuava a timidez dos alunos, que eram incentivados a ler em grupo. Todos saíam eufóricos das aulas.

Nos finais da tarde, lembro dela lendo poemas para ele. Ouviam músicas juntos. Pensavam o que seria feito na aula seguinte. Raramente discordavam.

Quando reflito sobre suas similaridades, o aspecto que mais se sobressai é o desejo comum de abrir as portas de suas vidas e de sua casa para um convívio intelectual intenso com muitos jovens, estudantes, professores, escritores, filósofos, poetas, artistas plásticos, etc. Em minha memória remota, o que lembro é de um movimento constante de pessoas que lá iam conversar, estudar, ter aulas, participar de grupos de estudo, levar trabalhos para serem avaliados. Neste sentido, é bem verdadeiro o depoimento de minha mãe em 2005 no Programa Entrelinhas, da TV Cultura, quando disse que a casa da José Clemente era muito menos um espaço doméstico do que um centro de estudos.

Ao considerar as singularidades, percebo hoje que Vicente era uma pessoa espontânea, expansiva, e acima de tudo entusiasmada com a vida. Seu ritual ao escrever mostrava que todo o processo de produção intelectual era vivido com grande prazer, uma espécie de diálogo consigo mesmo em busca de um alvo a ser atingido. Às vezes ele demorava mais tempo escrevendo, e em outras ficava poucas horas no escritório. Minha intuição é que havia uma ideia, nascida de manhã nele, e ela tinha um propósito e um caminho a ser trilhado. Em algumas ocasiões esse processo parecia se desdobrar em conversas na casa de amigos. Em outras, o fluxo havia sido interrompido por alguma razão, mas se tratava de algo a ser resolvido internamente, por ele mesmo. Saímos então para caminhar no Parque da Cidade Jardim, alimentando patos e cisnes. Nessas ocasiões ele costumava ficar totalmente absorto em seus pensamentos e falava pouco comigo. Na volta, se trancava no

escritório por mais algum tempo. Imagino que estivesse retomando ou concluindo seu trabalho.

Ao contrário de Vicente, acordar nunca foi muito fácil para Dora. A passagem do mundo dos sonhos para a realidade era uma dura travessia, feita em etapas. A janela precisava ser aberta aos poucos, até que ela se acostumasse com a luz do dia. Tomava o café da manhã na cama. E aos poucos, bem aos poucos, ia se envolvendo na dinâmica da casa, que abria mão de sua presença para acontecer. Tínhamos empregadas com ordens expressas de não perturbar o seu sono. Depois do almoço ela estava definitivamente desperta, entretanto eu já tinha ido para a escola. Isso causou uma lacuna em nossa relação, na infância. Nunca soube o que acontecia de tarde em minha casa. Quando retornava, de noite, sentávamos os três na sala, antes do jantar, para falar das coisas da escola, do que ia acontecer de noite, e se eu precisava de ajuda em algum dever de casa; estudar junto sempre foi tarefa de minha mãe. Eu era boa aluna, e só nas provas a requisitava. Ela me ajudava muito com mapas, que eu detestava fazer.

O que eles faziam enquanto eu estava na escola? Será que minha mãe escrevia? Falava com meu pai sobre os escritos da manhã? Organizava seus papeis? O fato é que quando eu entrava no escritório de tarde, tudo estava arrumado, bem diferente do que ele havia deixado. Dora tinha certa obsessão pela ordem, e neste aspecto foi providencial para Vicente, que, sem sua ajuda, teria tido muitas dificuldades em seu trabalho. Em relação às suas roupas posso dizer o mesmo. Se ela sempre foi vaidosa e preocupada com sua aparência, meu pai com o passar do tempo foi relaxando e descuidando do corpo e de suas roupas. Ela o controlava sutilmente, tanto no que se refere à alimentação, quanto na compra e na escolha de roupas.

Minha mãe era uma dona de casa bem interessante. Como tinha a ajuda de empregadas, arrumadeira e cozinheira, sua tarefa era dizer o que esperava de cada uma. O chão de tacos brilhante e a ausência de pó nos móveis eram um foco constante de atenção e

de cobrança. Por outro lado, como sempre foi meio inapetente, o grande desafio da cozinheira era fazê-la comer! E a missão era tão difícil, que quando dava certo, nossa colaboradora ficava eufórica. O paladar do meu pai também foi motivo de grande rebuliço doméstico. Ele trazia do mercado alguns produtos que deixavam a cozinheira de cabelos em pé, sem saber o que fazer. Recordo-me que certa vez ele trouxe uma lata importada com um conteúdo de origem marinha na cor azul. Eu estava na cozinha e vi o espanto de Manuela ao abrir a lata, e sua perplexidade ao não saber o que fazer com aquilo. O cheiro e o aspecto não eram nada convidativos. Ela estava apavorada com a situação, pois queria agradar seu patrão. Sugeri que apenas esquentasse o produto e o levasse à mesa. Foi o que ela fez. Nunca soube o que era aquilo, mas o fato é que ele adorou! Só ele. Degustou junto com uma cerveja gelada, como se fosse uma especiaria dos deuses. Ao final elogiou nossa cozinheira, que estava totalmente abismada.

Se em Itatiaia minha mãe parecia uma fortaleza, em São Paulo a história era muito diferente. Sua fragilidade incluía uma saúde delicada, enxaquecas, e uma profunda instabilidade emocional. No período em que meu pai estava vivo, ele cuidava dela. Recomendava a todos que não a perturbassem. Comprava remédios, dava ordens para a cozinheira fazer comidas leves, levar chás com bolachas no quarto, e eu ficava ao seu lado na cama em silêncio, esperando que ela melhorasse. A frequência dessas crises aumentou no decorrer do tempo. Ela passou a tomar uma medicação controlada que amenizava os problemas; os remédios a acompanharam pelo resto da vida.

Ao contrário de meu pai - estável em suas relações e afetos - Dora sempre surpreendeu a todos pela sua imprevisibilidade. As variações emocionais faziam com que seus amigos precisassem buscar a cada encontro um novo ponto de equilíbrio e de harmonização interpessoal.

A sensibilidade ou fragilidade emocional de minha mãe se apoiou na força psicológica de meu pai, que representava com certeza um esteio em seus momentos de crise. Quando ele morreu, em 1963,

minha tia me delegou essa tarefa, apesar de eu ter na época apenas 10 anos. Ela acreditava que eu fosse parecida com ele, e que soubesse lidar com os altos e baixos de Dora. O fato, é que assumi esse papel até o momento de me mudar para Ilhabela, em 1998. Os elementos do mundo prático sempre foram um terreno hostil para Dora, que preferia mil vezes transitar pelo universo imaginativo e criativo. Essa jornada lhe permitiu se entregar irrestritamente à sua poesia, às traduções de Jung, aos grupos de estudo de psicologia e poesia, assim como à publicação da Revista Cavalo Azul, resultando até o final da vida numa produção cultural extraordinária. Ela mesma afirmou, aos 86 anos, que quando não trabalhava se sentia doente.

A dimensão poética - entranhada em Dora desde sua infância - ocupou um espaço inquestionável na vida e na obra de Vicente, especialmente em seu artigo “A concepção do homem segundo Heidegger”. Nele, meu pai ressalta que “a obra de arte, cuja essência reside na poesia, funda e institui o mundo, trazendo a um povo o conceito de sua própria realidade”. E continua: “Neste sentido, a poesia é o fundamento que suporta a História”.

Por outro lado, depois da morte de Vicente nunca ninguém conseguiu ocupar seu espaço no coração de Dora. Ela não escondia - de quem quer que seja - que meu pai tinha sido seu único grande amor. Sua genialidade, originalidade, o sol que irradiava, foram palavras recorrentes que ouvi de sua boca pela minha vida afora.

Existem encontros únicos... Dora e Vicente protagonizaram um deles.

Inês Ferreira da Silva Bianchi